

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VALDÉCIO SÁ ROCHA

**O REPENTE EM PICOS: a popularização dos cantadores no rádio
picoense na década de 1980.**

PICOS – PI

2014

VALDÉCIO SÁ ROCHA

**O REPENTE EM PICOS: a popularização dos cantadores no rádio
picoense na década de 1980.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

PICOS – PI

2014

Eu, **Valdécio Sá Rocha**, abaixo identificado(a) como autor(a), autorizo a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação abaixo discriminada, de minha autoria, em seu site, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, a partir da data de hoje.

Picos-PI, 21 de agosto de 2014.

Valdécio Sá Rocha

Assinatura

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

R672r	Rocha, Valdécio Sá. O Repente em Picos: a popularização dos cantadores no rádio picoense na década de 1980 / Valdécio Sá Rocha. – 2014. CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (52p.) Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade Federal do Piauí. Picos – PI, 2014. Orientador(A): Prof. MSc. Francisco Gleison da Costa Monteiro 1. Cultura. 2. Repente. 3. Rádio. 4. Picos – PI. I. Título. CDD 301.298 1
--------------	---

VALDÉCIO SÁ ROCHA

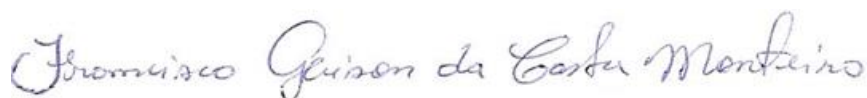
**O REPENTE EM PICOS: a popularização dos cantadores no rádio
picoense na década de 1980.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História, do Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, da Universidade Federal do Piauí, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Gleison da Costa Monteiro.

Aprovada em 08 / 08 / 2014


BANCA EXAMINADORA



PROF. MS. FRANCISCO GLEISON DA COSTA MONTEIRO
Orientador



PROF. MS. RODRIGO GEROLINETO FONSECA
Examinador 1



PROF. MS. ANA PAULA CANTELLI CASTRO
Examinador 2

A Deus por me ajudar nessa caminhada, a minha família pelo carinho, amor e confiança dedicados a mim, aos meus amigos pelo apoio sincero e aos meus professores por sua valiosa dedicação.

AGRADECIMENTOS

Este é o momento no qual o pesquisador relembra de toda sua trajetória acadêmica e de trabalho de pesquisa, de suas alegrias e suas dificuldades, e é claro, lembra também, daqueles que foram importantes nessa caminhada.

Por esse motivo, agradeço imensamente a Deus, pela fé necessária nessa trajetória, pois os percalços são muitos e intimidadores, porém, maior precisaram ser a perseverança e a dedicação e para isso pude contar com muita ajuda, com que vieram somar à minha força e empenho.

Agradeço primeiramente aos meus pais, por ajudarem a moldar meu caráter e me encaminharem rumo aos valores da honestidade, respeito e gratidão e o que prezo acima de tudo, a humildade, valor que considero primordial ao ser humano e essencial ao ambiente acadêmico, pois as vaidades tendem a nos rodear constantemente nessa jornada.

Minha família foi sempre meu espelho e ao lado do meu pai Waldetar da Rocha Neto, tive um exemplo de honestidade e caráter, de um homem que dedicou sua vida ao trabalho e à sua família.

À minha mãe Vanda Maria de Sá, um exemplo de amor incondicional aos filhos, que mesmo diante das dores da vida soube nos proteger e nos dar carinho sem limites.

À minha irmã Valdênia Maria de Sá Rocha que sempre foi para mim, um exemplo de cuidado ao irmão mais novo, apesar de jovem, sempre me transmitiu muita responsabilidade e carinho.

À memória da minha irmã Valtânia Maria de Sá Rocha que nos deixou muito cedo, mas mesmo assim, vive em nossos corações, pelas lembranças inesquecíveis, daquela que mesmo tão pequena, nos mostrou sua grandeza e missão para conosco.

À memória da minha avó Francisca que mesmo diante de muito sofrimento soube mostrar todo seu amor e paciência com seus filhos e netos, me transmitindo

tudo de bom que uma pessoa tão especial pode legar à outra, por meio de seu exemplo.

Agradeço a toda a minha família, meu avô, meus tios, primos e primas, pela nossa ligação especial, pois nossos laços são inquebráveis e nossa amizade e cooperação vão durar infinitamente pelas próximas gerações.

Sou ainda muito grato aos meus amigos, como também meus vizinhos que dividem nossas vivências e nos apoiam nos momentos difíceis, mostrando importante relação de ajuda.

Aos meus colegas e amigos de curso pela convivência harmoniosa, divertida e valiosa, que não será esquecida pela distância ou falta de contato, pois os momentos vividos são eternos e a amizade não se apagará.

Aos meus professores pela riqueza da nossa amizade, pois a cada novo mestre, enxergávamos um novo amigo e um universo de possibilidades, novos mundos se abriam através de seus conhecimentos. Sou muito grato pela confiança destes e seu empenho profissional primoroso, cada um com sua área de contribuição e personalidade instigante a nos engrandecer no conhecimento histórico.

Agradeço muito ao meu orientador Gleison Monteiro pela seriedade e profissionalismo, mostrando-se um grande profissional e uma grande pessoa, com qualidades admiráveis, que só vem a incentivar seus alunos pelo seu exemplo e capacidade.

Ao professor Francisco Nascimento por sua amizade e grandiosa ajuda ao longo de todo o curso de história, seu empenho em promover o crescimento dos seus alunos foi muito importante para mim.

A todos os meus professores do Curso de História pela preciosa orientação e exemplo, como os professores: Johny Santana, José Lins, Marylu Oliveira, Nilsângela Cardoso, Ana Paula Cantelli, Agostinho Coe, Mairton Celestino, Raimundo Nonato, Ana Maria Koch, enfim aqueles que me ajudaram a crescer não apenas, em conhecimento, mas também, como ser humano, pois não podemos deixar de aplicar na sociedade o que vivenciamos.

Agradeço aos cantadores da cidade de Picos: Barrazul, Zé da Luz, Antônio Ricardo e Antônio Neto, grandes poetas e entusiastas do repente picoense, figuras ímpares da cultura na cidade de Picos, pela atenção e valiosa contribuição a esta pesquisa.

Por tudo isso, é que sou muito grato ao curso de História, pois este nos concede uma visão que vai além, ou seja, nos permite enxergar o que não queremos que vejamos, nos possibilitando assim que possamos ser agentes atuantes na luta por uma sociedade mais justa.

A todas essas pessoas, minha gratidão e respeito.

“A humildade exprime, uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém.”

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho busca contribuir para um conhecimento maior da cultura do repente na cidade de Picos – PI, tendo em vista a riqueza dessa cultura presente em toda a macrorregião picoense. O objetivo da pesquisa é apontar os aspectos que tornaram essa cultura tão importante para a identidade cultural da região de Picos, através da atividade dos cantadores e sua prática associada ao rádio, na conquista de um público entusiasmado por essa arte. Para tanto foi utilizada a história oral, por meio de entrevistas com os repentistas que trabalham no rádio picoense, bem como aqueles que fizeram sua fama na década de 1980, quando os programas de cantoria atingiram o auge do sucesso em toda a região de Picos, caracterizando a cidade como um polo para o repente no Estado do Piauí e dando grande notoriedade aos cantadores.

Palavras-chave: Cultura. Repente. Rádio. Picos - PI.

ABSTRACT

This paper seeks to contribute to a better understanding of the culture of the repente in city Picos – PI, given the richness of this culture present throughout Picos macro region. The research objective is to point out the aspects that made the repente so important to the cultural identity of the culture of region of Picos, through the activity of the cantadores and their practice associated with the radio, in the conquest of an enthusiastic audience for this art. For both the oral history was used, through interviews with repentistas working in picoense radio as well as those who made their fame in the 1980, when the cantoria of programs reached the pinnacle of success throughout the region of Picos characterizing the city as a center of repente for the State of Piauí and giving notoriety to the cantadores.

Keywords: Culture. Repente. Radio. Picos - PI.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 01 - Mapa: Localização do município de Picos - PI	13
Fotografia 02 - Capa do livro Lorota de Cantador de Barrazul.....	26
Fotografia 03 - O cantador e seu instrumento de trabalho, a viola	29
Fotografia 04 - Antônio Neto e Antônio Ricardo apresentando o Programa Violas da Difusora	34
Fotografia 05 - O cantador Zé da Luz apresentando o programa Violas de Ouro na Rádio Difusora.....	37
Fotografia 06 - O repentista Barrazul, no comando do programa Tarde Sertaneja na Difusora de Picos, desde 1980.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 O REPENTE E A RELAÇÃO CULTURAL ENTRE O ARTISTA E O MEIO	18
1.1 Cultura popular ou somente Cultura?	18
2 A DIFUSÃO DO REPENTE EM PICOS E A ASCENSÃO DOS CANTADORES ATRAVÉS DO RÁDIO	31
2.1 Sucesso e prestígio: a força das ondas do rádio na década de 1980	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
FONTES	50
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A escolha pela temática do repente a ser estudado na cidade de Picos para a produção desta monografia foi delimitada através dos incentivos recebidos do próprio curso de História, sendo que foi na disciplina de Memória e História, sob a orientação da professora Ana Paula Cantelli que propunha a produção de um banner científico tendo em vista a iniciação na pesquisa acadêmica, que o tema me surgiu.

E foi por meio do colega de trabalho Cleudson Bezerra, que surgiram algumas propostas de temas e entre estas, eu logo destaquei o repente em meio aos outros, minha escolha se deu devido à proximidade da temática com a realidade local, e a possibilidade de se trabalhar com os produtores dessa manifestação cultural, pois a cidade de Picos conta com muitos artistas do repente. O que propicia essa mobilização de artistas populares nessa cidade diz respeito a sua posição geográfica. Para tanto, vejamos abaixo a localização de Picos:



Fotografia 01 - Mapa: Localização do município de Picos - PI¹

¹ Cf. Disponível em: <<http://www.picos.pi.gov.br/conhecaticos.asp>>. Acesso em: 16/04/2014

Como podemos observar a cidade de Picos² se localiza na região centro-sul do Piauí e é banhada pelo Rio Guaribas e Itaim que apesar de serem intermitentes são de grande importância para a cidade.

É diante dessa região que Picos também se destaca como lugar de passagem e de corredor cultural, levando muitos cantores e outros artistas a destaque nacional. Inclusive, dentre estes artistas, destacam-se os repentistas.

Para tanto, logo que assumi o tema de forma individual, desenvolvi outros trabalhos em disciplinas de estágio com este mesmo tema e passei a observar a riqueza cultural do repente contida na cidade de Picos. Desse modo através dessa continuidade com o tema, busquei algum meio que me aproximasse do meu objeto de estudo, encontrando assim o rádio, que apareceu nessa busca como um meio de comunicação intimamente ligado à cultura do repente na cidade.

Assim, pude observar o início da rica relação entre cantador e rádio na cidade de Picos a partir do ano de 1980, quando o então renomado repentista Francisco Reis Barrazul Santos, o Barrazul, assumiu na Rádio Difusora de Picos um Programa sobre cantoria de viola, assim como o também famoso trio de cantadores conhecido como Os Irmãos Ricardo, que desse modo tornaram-se pioneiros na difusão do repente pelo rádio na região de Picos.

A partir de então busquei os questionamentos necessários para o andamento da pesquisa, me utilizando dos métodos e técnicas da História Oral, para obter informações acerca do objeto que propus trabalhar. Entre essas questões, busquei delimitar a pesquisa à década de 1980, para assim observar as relações que se desenvolveram entre o repente e o seu público, através do rádio, como também a identidade do repentista nesse processo de adaptação aos meios de comunicação no meio urbano.

² Cf. Idem. Tem como principais produtos o caju e o mel. Além disso, Picos se destaca por ser uma das principais cidades do estado do Piauí. Por causa do seu posicionamento geográfico tornou-se um importante polo comercial e apresenta um dos maiores entroncamentos rodoviário da região. É cortada pela BR-316 ou Rodovia Transamazônica, BR 407, BR-230 e fica muito próxima a BR-020. A sua origem assim como de várias cidades do Piauí acredita-se que se deu através da principal atividade da época que era a pecuária. De acordo com fontes históricas o município teria se originado a partir do povoado de Bocaina, a doze de dezembro de 1890, a vila foi elevada à categoria de cidade, pela resolução nº 33, promulgada pelo governo do Estado chefiado pelo então Barão de Uruçuí.

O fato observado da continuidade dessa forma de propagação do que muitos conhecem como cultura popular, também suscitou o interesse em entender melhor a forma como essa arte se mantém adaptada em meio às constantes transformações sociais. A própria definição de “cultura popular”, já nos trás uma problemática, também sendo motivo para uma análise inicial do que seja realmente essa manifestação cultural, se devemos logo nos ater a certos conceitos, ou buscarmos conhecer bem, o nosso objeto de estudo, nos levando assim á uma reflexão mais detalhada em torno desse termo.

Com isso, observou-se a importância de se trabalhar tal tema, visando o melhor conhecimento de um patrimônio cultural que se encontra próximo de nós, experimentando as transformações mais instigantes que uma manifestação artística pode vivenciar, tendo com isso muito a oferecer e ensinar ao seu público, já que gira em torno e se desenvolve junto a este, proporcionando interações características pela tradição mantida por aqueles que a apreciam, formando elos culturais muito fortes.

A pesquisa mostrou-se possível a partir do momento em que os elementos que compõem a estrutura do objeto de estudo, passaram a ser conhecidos de forma mais específica e reflexiva, após terem sido lançadas as devidas indagações, com base, no que se pretendia estudar. Com isso a importância da pesquisa passou a surgir de forma mais clara, pois se tem a partir desse momento as questões a serem trabalhadas, como o olhar do repentista para a sociedade que recebe sua produção.

O próprio meio que estamos inseridos propicia a surgimento dessa manifestação cultural, pois o sertão e suas mazelas, mas também suas belezas são a inspiração maior do artista, que soube também transportar do rural para o urbano, suas tradições junto com seu público que parte em busca de oportunidades, levando também seus costumes. Observar esses pontos é, portanto, essencial para se entender a relação que irá se desenvolver posteriormente.

Envolvendo o meio e o sujeito, essa relação é o que motiva o pesquisador a buscar algo tão rico e suas implicações na troca ocorrida por essa interação, com influências e contribuições culturais, através dos costumes e tradições mantidos,

mas também afetados numa relação de apropriação com objetivos bem definidos, como veremos.

Sempre há o que se discutir em relação a qualquer estudo, no entanto, devemos reconhecer as implicações que nos levam a determinadas temáticas e no caso desta, iniciou-se pela academia e suas necessidades, perfeitamente compreendidas dentro do que discutimos, sempre visando o trabalho consciente e consistente. O esforço inicial da academia, sem dúvida é o que nos conduz a compreensão da relevância dos nossos trabalhos, junto à sociedade, pois é a esta que devemos retornar nossa produção, unindo assim nossa produção com nosso olhar em particular, às necessidades da História local.

Ao se apresentar um tipo como o repentista, se tem o objetivo de ligar a identidade deste, à identidade do ambiente no qual se insere, observando sua produção e suas implicações, ontem e hoje, para seus conterrâneos e também o público em geral, ao se alcançar certa notoriedade e difundir com ânimo a sua arte, apesar das dificuldades e contratempos, encontrando apoio ainda, não somente em sua geração, mas na renovação daqueles que encontram agora novos meios de se fazer notar.

É buscado compreender aqui, a identidade do repentista inserido em seu contexto social, bem como as implicações do tempo em sua produção e seu alcance ao público, através do rádio, verificando a relação e o desenvolvimento do lugar e seus habitantes, a partir da década de 1980.

No capítulo I, **“O repente e a relação cultural entre o artista e o meio”** procurei antes de tudo fazer uma discussão acerca do conceito de cultura popular, já que esta identifica o elemento da pesquisa, com isso busquei fornecer pontos importantes associados à discussão de estudiosos que podem ajudar a compreender melhor o objeto em estudo com melhor proveito de seus conceitos, pois ideias equivocadas ou até mesmo preconceitos descuidados, podem conduzir a certa marginalização cultural.

Já que isto se reflete na própria cultura que constitui, simplificada, o modo de viver e de produzir de um povo. A própria identificação do meio, ou seja, o ambiente no qual se desenvolve e se mantém essa cultura, como a relação campo-

cidade também nos fornece traços desse rico sistema que envolve o cantador e o seu público. A cantoria.

No capítulo II, “**A difusão do repente em Picos e a ascensão dos cantadores através do rádio**”, pretendi mostrar a década de 1980 na cidade de Picos como o período áureo para os cantadores da região, através de todo o sucesso que estes alcançaram com a chegada do rádio, o que possibilitou um alcance maior e uma relação muito mais forte com o seu público que promovia uma verdadeira efervescência cultural em torno desses cantadores, alçados ao sucesso e elevando ainda mais o nível cultural do repente na região.

1 O REPENTE E A RELAÇÃO CULTURAL ENTRE O ARTISTA E O MEIO

1.1 Cultura popular ou somente Cultura?

Neste trabalho como já foi mencionado buscou-se primeiro entender o conceito de cultura popular, para uma melhor expressão do objeto em estudo, aproveitando melhor assim as suas características, suas implicações dentro do que está sendo proposto, ou seja, ir além de contar uma história, buscar, o significado do repente como expressão cultural na cidade de Picos e sua estreita relação com o rádio e o público, enfim, suas adaptações como forma de manutenção dessa arte.

Para tanto, se faz necessário inicialmente uma definição clara do que seja realmente cultura, já que o repente é constantemente relacionado ao que muitos chamam de cultura popular, portanto, é importante que tenhamos bem definido se realmente essa classificação representa bem o objeto de estudo em questão.

Então, *O que é cultura?* Esse é o título do livro de José Luiz dos Santos, que funciona como uma introdução à discussão de tão complexo termo. Para tanto precisamos atentar ao contexto do repente que vem até nos com uma definição de popular, com isso, o autor nos alerta, mesmo que de um modo mais direto, inicialmente do que isso poderia ser, portanto, para Santos:

[...] A partir de uma ideia de refinamento pessoal, cultura se transformou na descrição das formas de conhecimento dominantes nos Estados nacionais que se formavam na Europa a partir do fim da Idade Média. Esse aspecto das preocupações com a cultura nasce assim voltado para o conhecimento erudito ao qual só tinham acesso os setores das classes dominantes desses países. Esse conhecimento erudito se contrapunha ao conhecimento havido pela maior parte da população, um conhecimento que se supunha inferior, atrasado, superado, e que aos poucos passou também a ser entendido como uma forma de cultura, a cultura popular³.

³ SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos). p. 54.

Faz-se necessário, portanto, na busca da compreensão do que seja cultura popular, um estudo que leve em consideração a dificuldade em abordá-la, já que esta é uma discussão a qual os antropólogos travam constantemente. A intenção principal aqui é a de não passar a ideia de inferioridade ou superioridade cultural, para tanto precisamos ficar atentos a essas relações sociais que sugerem classes em atrito, pois quando se busca entender o funcionamento de uma cultura dita inferior, antes devemos observar as classificações que surgem a partir de então.

Como se pretende apontar então a existência de culturas diferentes, que não são dominantes, mas também produzem seus conhecimentos através de suas vivências sem depender dessa relação, devemos observar que,

Entendesse [...] por cultura popular as manifestações culturais dessas classes, manifestações diferentes da cultura dominante, que estão fora de suas instituições, que existem independentemente delas, mesmo sendo suas contemporâneas⁴.

Esse pensamento que nos parece subordinado, toma forma na busca de classificações e modelos que não são interessantes ao caráter independente da cultura. Logo o popular aparece marcado pela submissão, pela luta, ou seja, existe devido a essa condição, mas não é bem assim, pois a cultura se traduz no modo de viver, é nesse modo de ser que se constitui o patrimônio de um povo. Pensando na sociedade como um todo, é que enxergaremos a complexidade da cultura, que para Santos:

[...] É produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque esta ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de vida, quanto porque está ligada à transformação destas. Assim a cultura não é um mero reflexo dos outros aspectos da sociedade, não é um espelho amorfo⁵.

⁴ SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos). p. 56.

⁵ SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos). p. 65.

A cultura não se espelha em condições para ser o que é, pois é espontânea nasce e é mantida e também mantém os costumes de um povo. Como na definição de Terry Eagleton em seu trabalho *A ideia de cultura*, de que “[...] Cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo”⁶. Logo percebemos que, além de uma espontaneidade natural, ela requer manutenção, requer continuidade. E dessa forma, desenvolvesse com base em múltiplos interesses e forja sua identidade.

Assim para Eagleton: “[...] A cultura é o conhecimento implícito do mundo pelo qual as pessoas negociam maneiras apropriadas de agir em contextos específicos”⁷.

Essa ação passa a ser analisada de forma mais sistemática e desse modo podemos recorrer à teoria na busca desse entendimento, e encontrou-se em E. P. Thompson e seu estudo sobre *Costume e Cultura*, assim como em Carlo Ginzburg em *O queijo e os vermes* que discute cultura popular e também em Eric Hobsbawm e Terence Ranger ao estudar *A invenção das tradições*, uma discussão pertinente a esse caso. A partir dessas leituras, é possível usar a palavra cultura com um maior cuidado e reflexão.

Com base nisso, partiu-se para o estudo de Thompson e suas análises de como os costumes se manifestaram na cultura dos trabalhadores ingleses no século XVIII e parte do XIX. Isso nos ajuda a entender como o povo sofria pressões para modificar sua cultura, mas também como resistiam a essas pressões. Ao vermos no texto uma elite classificando os hábitos estranhos da plebe de “pequena tradição”, já somos levados a pensar em uma divisão cultural nesse ponto.

Apesar disso “O costume era um campo para a mudança e a disputa, uma arena na qual, interesses opostos apresentavam reivindicações conflitantes. Essa é a razão pela qual precisamos ter cuidado quanto a generalizações como ‘cultura popular’”⁸. Observou-se aqui o cuidado empregado por Thompson, ao lidar com o

⁶ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.13.

⁷ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005. p.55.

⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 17.

termo cultura popular, pois a cultura seria uma área de conflito, na qual ocorrem trocas, assim como também, dominação e domínio.

Portanto, cultura é um conjunto que apresenta muitas contradições, e muitas vezes isso não nos aparece, ficamos então distraídos e não enxergamos isso como diz Thompson. Desse modo, com base no estudo da cultura plebeia que assumia uma forma defensiva, devido às limitações que lhe eram impostas, Thompson entende que a chamada cultura popular, é situada de acordo com o lugar material que ela ocupa, sendo assim, o que lhe corresponde.

Desse modo Thompson nos lembra de que “Não podemos esquecer que ‘cultura’ é um termo emaranhado, que, ao reunir atividades e atributos em um só feixe, pode na verdade confundir ou ocultar distinções que precisam ser feitas”⁹. Portanto, se faz necessário que busquemos analisar os componentes, como os costumes, que formam esse emaranhado que é a cultura.

Partindo para a análise de Carlo Ginzburg no livro *O Queijo e os vermes*, também se pode observar seu esforço em explicitar o que seja uma cultura popular, nos dando uma hipótese geral sobre o que se costuma chamar de cultura popular. Ginzburg¹⁰ observa com base nos desníveis culturais da sociedade moderna, o momento no qual foi entendido que as camadas inferiores também tinham cultura. Com isso surgem dúvidas em relação à subordinação de uma cultura a outra, podendo se falar em cultura imposta, quando se observa o fato dessa cultura ser estereotipada.

O que se conclui nesse caso é que o conceito de cultura popular é ambíguo, assim como algumas evidências discutidas por Ginzburg parecem negar a existência de uma cultura popular, mas também não afirma a existência de uma cultura hegemônica, no caso de seu estudo na Europa pré-industrial. Com isso percebe-se que devido à complexidade apresentada, deve ser feita uma análise bastante parti-

⁹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 22.

¹⁰ GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*: São Paulo, Companhia das letras, 2006.

cular em proveito do entendimento do que seja realmente cultura, evitando generalizações ou divisões que nos afastam dos elementos complexos que a compõem.

Para nos auxiliar nessa interpretação, Eric Hobsbawm e Terence Ranger ao trabalhar a invenção das tradições também nos mostram a complexidade dos elementos que compõem a cultura como quando diferencia tradição de costume nas sociedades tradicionais. Com isso nos chama a atenção ao fato dos costumes serem variáveis, além da introdução na sociedade das ideias de superioridade e inferioridade pelas tradições. Sendo assim “Encorajavam-se alguns a se sentirem mais iguais do que outros”¹¹. Novamente somos levados a investigar a natureza complexa da cultura, pois a sociedade ainda não definiu rigorosamente o que seja esse elemento nascido em sua estrutura.

Como este foi um trabalho que recorreu ao uso da História Oral para se escrever sobre a história local, recorreu-se à Raphael Samuel que afirma em seu estudo que “A história local requer um tipo de conhecimento diferente daquele focalizado no alto nível de desenvolvimento nacional e dá ao pesquisador uma ideia muito mais imediata”¹².

Isso demonstra a proximidade do pesquisador com o objeto que deseja trabalhar, pois pode encontrá-lo em seu cotidiano. Samuel destaca também que esta também conta com a força popular e no caso deste trabalho esse pensamento é bem pertinente, ligado ao fato de se trabalhar algo considerado popular.

Esse mesmo pensamento se aproxima das palavras de Déa Fenelon, que fala sobre o sujeito e sua cultura e aqui podemos articular com os repentistas, pois ao estudá-los,

[...] É nossa intenção acentuar que essa opção de valorizar os sujei-

¹¹ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 11.

¹² SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9 nº. 11 1989. p. 220.

tos históricos, [...] aparece como o grande substrato das memórias das quais estamos falando [...] por essa razão a categoria cultura, melhor dizendo culturas, é aqui tomada como expressão de costumes e, portanto, associada a diferentes tipos de realidade¹³.

Isso nos direciona para questionarmos sobre os sentidos de se refletir sobre cultura, pensando nas relações sociais e na vida cotidiana envolvida na disputa por espaço, lugares, assim como costumes e tradições. Com isso percebe-se que o cantador está incluído nesse meio, disputando o seu lugar, defendendo a sua tradição, junto aos que se envolvem por seu trabalho. Pode se pensar nesse caso, como resistência, mas também veremos os casos de apropriação de modo bem particular, respeitando tradições ao tempo que se adaptam às novas necessidades do lugar.

Após essa breve discussão sobre o entendimento que vem sendo construído do que seja cultura, podemos associá-la à produção, à prática e a vivência do repente no espaço que envolve a sociedade picoense e suas cidades circunvizinhas.

Para tanto, atentemos bem ao “nascimento” de um repentista, na descrição do Cantador Zé da Luz.

Na realidade o meu pai é poeta, eu tenho um tio falecido que era poeta também, cantor fez profissão muitos anos, inclusive nas rádios de Picos. Chegou a fazer diversos programas, e na época eu... O meu pai, logo que eu passei a ter entendimento, o meu pai ainda cantava e aí eu passei a admirar, a gostar, ia pras cantorias com ele, quando não era cantoria dele mesmo que ele promovia com outros colegas na nossa localidade. Aí eu passei a gostar e acreditar na arte, achar interessante e na realidade, o repente é um dom, não é só por admirar que você canta repente, porque se fosse assim muita gente cantava. Porque quantas pessoas admiram, promovem cantorias, aplaudem o repente, apreciam e tudo, e não cantam. É porque na realidade, e talvez tenham pessoas no meio dessas pessoas admiradoras do repente, que gostariam até de cantar, mas é

¹³ FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.) *Muitas memórias outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 25.

um dom, a poesia é um dom que a gente nasce com ele. O repente é um dom que você nasce e se cria e vai para o tumulto com a gente. Então foi por aí, começou minha admiração logo de criança, o meu pai desistiu com o decorrer do tempo, ele desistiu e ficou a violinha lá, eu fui pegando na viola e começando a fazer umas pontuações e dando certo e chegou à altura de eu me interessar e eu descobri que eu teria veia poética, como tenho graças a Deus, passei a cantar e vem dando certo. Me profissionalizei, hoje sou um profissional da viola, tenho diversas gravações, sempre fiz programa de rádio, inclusive atualmente agora faço um programa na difusora de Picos, e graças a Deus, muita audiência e uma aceitação extraordinária do público do repente. Graças a Deus que não faltam cantorias na agenda da gente¹⁴.

Na descrição do cantador, podemos ver toda a carga que a tradição traz na família sertaneja, a herança cultural, aparece com grande peso, não sendo determinante, claro, mas contribuindo de modo muito significativo e simbólico, para o jovem no sertão piauiense. A inspiração maior o rodeia, o incentivo é encontrado em casa, é o que percebe Elba Braga Ramalho ao reconhecer que,

A memória e a sensibilidade auditiva são seus principais instrumentos de acumulação de conhecimentos. Sua trajetória passa pelo contato íntimo com essa arte, no ambiente familiar. Alguns descendem de profissionais famosos. Outros não trazem essa tradição, que na realidade não é condição essencial, pois antes de tudo o talento é pré-requisito¹⁵.

Sendo assim, o artista da região de Picos, que conta antes de tudo com a tradição para lançar-se à desafiadora vida de cantador, conta também com o talento que lhe é próprio. A partir de então o conhecimento prático lhe garantirá a continuidade na vida de cantador.

¹⁴ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

¹⁵ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 116.

Então “Quando consegue aprumar-se na viola, sai em busca do aprimoramento que só é alcançado na convivência com outros companheiros mais experientes”¹⁶.

É nesse ponto de partida, que essa cultura se renova e se inventa dentro da mais rica tradição, como algo espontâneo, e também como uma vivência prática, mas que encontra os meios de manter-se viva, produtiva, como observamos, e também dinâmica como veremos, mais adiante.

A cantoria assim captura o jovem e o torna cantador em um espaço que oferece os meios apropriados a isso, então vejamos melhor uma descrição dessa arte por Elba Braga Ramalho, pois conforme a autora,

É uma instituição que congrega público, através do “promovente” e dos demais “apologistas”, - admiradores dessa arte do improviso cantado – em torno dos cantadores. É, tradicionalmente, uma das festas sertanejas que atraí famílias inteiras das redondezas de uma comunidade, em torno dessas figuras do improviso cantado. A cantoria não se restringe apenas ‘ a atuação dos artistas. Ela é um Sistema e o público tem aqui sua parte. O imaginário do homem rural se revela. Sem isso não existe Cantoria. E, como sistema ela tanto sobrevive no campo quanto se transportou para os centros urbanos por força das migrações nordestinas¹⁷.

Através desta definição começamos a nos inserir no universo da cantoria, pensada extremamente relacionada ao seu público, que como veremos adiante, tem enorme importância nesse sistema. O cantador aqui é pensado intimamente ligado à sua arte, também o meio de vida e a relação com aqueles que mantêm essa esfera cultural em volta deste personagem, e desse modo passa a explorar novos espaços.

Na figura do cantador picoense Barrazul, temos também a oportunidade de ver o nascimento do cantador e as relações culturais em seu meio de vivência, quando este relata todo o processo em seu livro *Lorota de Cantador*, suas oportuni-

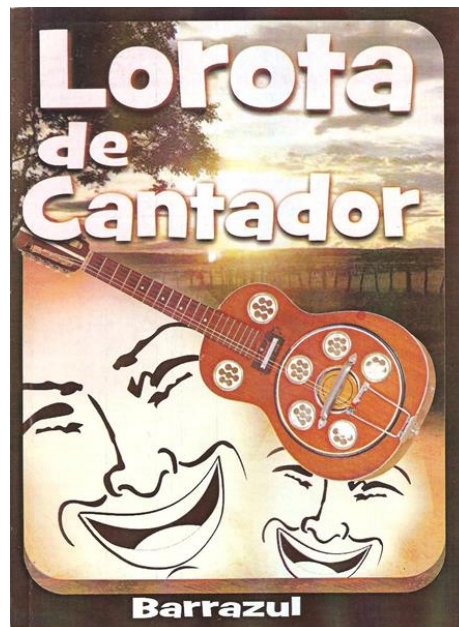
¹⁶ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 116.

¹⁷ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 89.

dades e as condições propícias ao surgimento do artista que tem contato constante com a tradição mantida por aqueles que o cercam, e que aqui logo aparecem.

A dupla titular seria os cantadores João Moura e Pedro Pereira. E eu fui cedo!...Pedro Pereira chegou, mas seu colega João Moura não veio. Chegou a hora de começar a cantoria. Como só tinha um cantador e faltava o outro, alguém falou: Bota Chico de Ontôe. Essa ideia foi aprovada por todos presentes, inclusive pelo próprio Pedro Pereira. O povo chegou pra perto. Deu apoio e calor. Como jovem estreante consegui centralizar e atrair as atenções de todos, superando às expectativas, comecei achar melhor cantar do que ouvir e rápido a noite passou e o povo permaneceu até de manhã. O Oitis, tinha um cantador – Chico de Ontôe¹⁸.

Ainda sem o famoso nome de cantador com o qual se consagrou, o artista, Francisco Reis Santos, descreve os acontecimentos importantes que o conduziram à vida de cantador, aliados ao seu talento. E essa relação de ajuda aliada ao incenti-



Fotografia 02: Capa do livro Lorota de Cantador de Barrazul

Fonte: Arquivo Pessoal

¹⁸ SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s. n.], 2011. p. 17.

vo do público, ilustra bem o que significa a vivência da cultura do repente na região de Picos, esses fatores são primordiais para tanto, como ocorre na cantoria o fato de que o talento dos jovens cantadores é percebido pelos mais experientes que passam a lhes dar oportunidade e através de parcerias, passam seus conhecimentos. Essa percepção do talento aliada ao entusiasmo em incentivar seu crescimento, faz parte do ciclo dessa cultura de cantadores.

Uma vez que tenhamos conhecido melhor o cantador e a cantoria como um sistema intimamente ligado aos meios que o mantêm, analisaremos agora a relação cultural que passa a se desenvolver com a entrada do repente na zona urbana e as implicações daí geradas.

Esse é o momento no qual o cantador irá encontrar na cidade uma mescla de urbano e rural, já que parte de seu público agora se encontra nesse espaço, desse modo, novos meios surgem como o rádio, meio de comunicação em massa que veio revolucionar o modo de se ver a cantoria na região de Picos. Apesar de não caracterizar uma transição propriamente dita na região, pois como veremos a seguir, urbano e rural estarão intimamente ligados pela figura do cantador e por meio do rádio, caracterizando uma ponte cultural constante nesse ambiente.

Essa relação embora seja bem representativa, não deixa de refletir a força da tradição rural na região de Picos, sobretudo, amparado nas cidades menores e na própria zona rural da cidade com seus povoados. Essa relação com o mundo rural é facilmente reconhecida na descrição do cantador Zé da Luz, ao afirmar que,

O carinho do povo da zona rural é bem maior pelos cantadores, a aceitação é maior, sem nenhuma dúvida, sempre foi e eu acredito que vai permanecer ainda por muito tempo, até porque, o rádio é fundamental na divulgação da gente, mas na realidade o público do rádio é maior na zona rural, do que na zona urbana, e por isso, o que acontece e que ainda vem acontecendo, de maneira assim. Até através do incentivo do rádio e tudo, porque o povo do interior, da zona rural, escuta mais os programas de repentistas, é porque acho que eles têm mais tempo e por gostar talvez até mais, eles tem mais tempo, se ligam mais com a gente, você sabe que a correria da zona urbana é uma loucura, muitas vezes até não é nem por falta de vontade. Tenho o costume de chegar por ai e o amigo: - O veio, rapaz eu gostaria de ouvir seu programa, mas não tenho tempo, é bem no horário que estou trabalhando. - E você sabia que principalmente esse programa que eu apresento aqui na Difusora de

Picos, é um horário que a pessoa da zona rural... É hora de almoço, é hora de descanso né e se ligam mais que na zona urbana¹⁹.

Podemos perceber que o cantador tem um bom conhecimento da sua área de atuação, bem como suas particularidades e o como ocorre de forma mais contundente, como veremos adiante, ele conhece muito bem os seus ouvintes. Essa relação é muito rica culturalmente e proporciona essa ligação com o urbano, embora permaneçam fortes suas raízes rurais na região de Picos. Uma vez que é esse público que mantém uma relação mais próxima com o cantador, que na cidade, através do rádio, difunde a cultura do repente, para aqueles que se encontram no campo. Apesar desse lado forte unido ao rural, existe também uma integração com os mais diferentes públicos como aqui observa Elba Braga Ramalho.

Integrados pela identidade com o mundo rural, pelo linguajar específico da região, pelos hábitos comuns de convivência social, pela relação com a natureza, pelos mesmos sentimentos da religiosidade e da moral cristã, os ouvintes de Cantoria comportam um universo muito heterogêneo em termos de status social, mas conseguem manter-se unificados diante dos poetas cantadores, certamente porque eles lhe representam, simbolicamente, a memória viva de sua cultura²⁰.

Então essa relação sistemática, mostra-se heterogênea, apesar das bases comuns, no entanto, na região de Picos ela se desenvolve ainda com fortes tendências rurais, tendo em vista o porte da cidade que não se configura como uma metrópole, estando bem mais próxima do rural e recebendo constantemente essas influências do campo. Contudo esse público promove a cantoria de modo espontâneo, e é assim que são chamados “promoventes” de cantoria, ou seja, com isso desenvolvem constantemente a prática cultural do repente ao se relacionarem intimamente com a arte, como na,

¹⁹ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

²⁰ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 90.

[...] Figura do apologista, [...] pela sua capacidade de lidar com o público, de conduzir o evento, de ser familiarizado com as técnicas de rimar, metrificar e construir a oração, identificado com o linguajar próprio usado nas Cantorias, e, principalmente por ter sensibilidade artística. Ele é, portanto, um ouvinte diferenciado. Organiza o evento e acolhe os cantadores em casa com honras especiais, se necessário for²¹.

É essa familiaridade que permite uma relação bastante forte e próxima do cantador com o meio e o público, pois a determinação do cantador nesse meio revela todo seu potencial em apresentar a cultura, que não depende apenas dele, mas daqueles que para ele a promovem, e a mantêm viva e pulsante. Então com suas referências sertanejas e personalidade formada na tradição, se insere no urbano sem abandonar aquilo, ou aqueles que trazem consigo esse sistema que é a cantoria de viola.



Fotografia 03 - O cantador e seu instrumento de trabalho, a viola.

Fonte: Arquivo Pessoal

²¹ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 94.

Nesse contexto, “Os cantadores resistem a modismos que descaracterizam a Cantoria, também no tocante ao modo de atuar profissionalmente em público: continuam fazendo uso da viola acústica”²². Como também lembra o cantador Zé da Luz ao afirmar que “O cantador na realidade, é só a viola, é só a viola, que nos chamamos apresentação no seco, que é só o sonzinho da viola”²³. Com isso observamos o caráter de resistência, ou mesmo de respeito às tradições que carregam esses cantadores ao percorrer o sertão e ainda mais longe, como veremos.

²² RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000. p. 147.

²³ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

2 A DIFUSÃO DO REPENTE EM PICOS E A ASCENSÃO DOS CANTADORES ATRAVÉS DO RÁDIO

2.1 Sucesso e prestígio: a força das ondas do rádio na década de 1980

Após observarmos a relação do repente com o meio, veremos agora como essa relação ganhou mais força a partir de 1980 na cidade de Picos, com o surgimento dos primeiros programas de repentistas, seguindo a tendência da comunicação pelo rádio. Como observa Francisco Alcides, “A programação radiofônica constitui-se em uma nova forma de lazer, que tem a capacidade de melhorar o nível de vida do ouvinte porque terá como ouvir uma boa música e estará bem informado com as últimas notícias de todo o mundo”²⁴.

Nesse período em Picos, o rádio teve grande peso com o maior alcance do repente na região e os ouvintes poderiam, assim, satisfazer seu gosto mesmo a distancia. Mas não foram apenas os ouvintes que sentiam os efeitos do rádio, os cantadores foram muito privilegiados na época com as primeiras transmissões como notou Francisco Alcides em seu estudo de História e cultura, “O rádio encantava não só os ouvintes, os profissionais do rádio também eram envolvidos pelo *glamour* que provocava”²⁵.

Notaremos bem essa “revolução” no modo de se experimentar o repente em Picos, pela descrição dos próprios cantadores que vivenciaram esse contato entre cantoria e rádio em Picos. Como Francisco Reis Barrazul Santos, que descreve em seu livro a importância desse período de auge.

Eu mesmo, na minha mocidade como fui muito conhecido e solicitado, mesmo andando de carro nas ruas, via alguém que eu mesmo não conhecia e essas pessoas eu via pela mímica que esta-

²⁴ NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e cultura: o rádio como instrumento de formação cultural. In: SANTANA, R.N. Monteiro. (org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 132.

²⁵ NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e cultura: o rádio como instrumento de formação cultural. In: SANTANA, R.N. Monteiro. (org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 132.

va falando para outras pessoas dizendo: “Olha, aquele é Barrazul!”²⁶.

Ou ainda quando relembra o sucesso da rádio e toda a fama alcançada.

O sucesso do rádio foi tanto que eu morava a 3 quilômetros distante da rádio e no seu apogeu se eu tentasse ir de pés, não conseguiria porque onde passava logo alguém me parava para falar comigo, vinha mais um, mais um daqui a pouco tinha uma roda de gente, uns para falar comigo, outros só para ver a gente, se escapasse dali, bem próximo formava outra roda de gente com tanto que eu tinha que ir de carro para escapar desse assédio. No Escritório dos Poetas onde eu atendia, chegava a receber mais de 100 cartas por semana para o programa, todas com dinheiro dentro. Em 1982 eu recebi 285 cartões de natal. Impossível era atender todos os convites que recebia para cantorias oficiais e outros convites tipo: moagem, farinhada, casamento, etc. Empresas disputavam um espaço para anunciar no meu programa e eu recebi também muitos presentes²⁷.

Com isso os cantadores foram alçados a novos patamares, desfrutando do sucesso com o crescimento pelo gosto do repente. Então vemos a importância desse meio de comunicação para a difusão da cultura da cantoria que agora cobria varias cidades simultaneamente e proporcionava ao cantador esse prestígio, mas o mais importante divulgava como nunca a cantoria, mas para isso o cantador teve que se adaptar como sua arte ao longo do tempo e espaço.

Quando falamos em popular, com ideia de inferior, ou oposto a erudito, podemos estar delegando a essa manifestação certa marginalidade, experimentada pelos próprios cantadores em certos momentos de suas carreiras, nos quais se distanciaram momentaneamente do seu público e como vimos essa relação é primordial.

O cantador Barrazul descreve sua reação com a chegada a Picos da Rádio Difusora: “[...] Tudo que eu queria. Larguei tudo e entrei na rádio Difusora de Picos em 18 de janeiro de 1980. Agora com apoio da emissora voltei com força total à vio-

²⁶ SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s.n.], 2011. P. 19.

²⁷ SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s.n.], 2011. p. 24.

la da qual tinha ficado marginalizado durante quase toda década de 70²⁸.

Nesse contexto, em 1980, pode ser destacada a figura de Antônio Ricardo que ao lado de seus irmãos, formava o trio de cantadores conhecido como Os Irmãos Ricardo, nesse período, como Barrazul, experimentaram o auge do repente em Picos até então, pois foram responsáveis pela renovação da cantoria na cidade.

O cantador Antônio Ricardo foi o responsável por idealizar um programa de rádio na cidade, com a chegada da Difusora, já trazendo consigo experiências anteriores.

Quando eu comecei no rádio foi no tempo de mais influência, porque me levou a profissionalização, à pessoa trabalhar com cuidado né, procurar crescer mais e tudo. Comecei na rádio Iracema de Iguatu fui pra rádio Araripe do Crato, vim pra *qui*, passei um bocado de anos e depois fui pra São Raimundo Nonato, Paulistana, e assim um bocado de cidades a gente trabalhou²⁹.

Como pioneiro na comunicação do repente na cidade, Antônio Ricardo descreve seu esforço em idealizar o programa.

Porque a primeira pessoa que falou com o Doutor Helvídio Nunes fui eu, pra fazer um programa nessa rádio, ai ele me perguntou: - Quantas vezes... Você quer quantos minutos? Eu disse: - Meia hora por dia. Ele disse: - E você aguenta cantar meia hora por dia? Como é que aguenta a garganta? - A garganta Doutor é de oito horas a duas da manhã. E ele disse: - É de ferro a garganta! O Doutor Hevídio Nunes de Barros que era o dono da rádio³⁰.

O interesse de Antônio Ricardo denotava seu conhecimento dos benéficos por ele observados, do uso do rádio para promover o repente, semelhante ao entusi-

²⁸ SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: 2011: [s.n.], p. 22.

²⁹ Antônio Ricardo Gonçalves. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

³⁰ Antônio Ricardo Gonçalves. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

asmo de Barrazul ao saber da chegada da rádio, pois era o que ele queria. Desse modo. Os Irmãos Ricardo e Barrazul foram pioneiros na relação com o rádio em Picos abrindo espaço para os que viriam. Como o experiente cantador Antônio Neto que destacou a importância do rádio para sua formação como repentista.

Cantoria na época era novidade, quando eu conheci cantoria de rádio de pilha né, aí quando a rádio foi fundada que foi ao ar o programa dos irmãos Ricardo e o programa do Barrazul. Naquela época... Eu era menino ainda naquela época, não tocava viola não. Dai pra cá, foi que nasceu dentro de mim o mundo da cantoria. Pra cantar... Nasceu através deles, e hoje tô aqui, fazendo o programa há três anos, também com o Antônio Ricardo³¹.



Fotografia 04: Antônio Neto e Antônio Ricardo apresentando o Programa Violas da Difusora.

Fonte: Arquivo Pessoal

³¹ Antônio Cirilo de Sousa. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

Se já vimos o ambiente familiar e o próprio meio em que se vive como influências, agora o rádio assumia fortemente também esse papel e despertava a curiosidade, dos jovens. Primeiro surgia a curiosidade, depois era preciso trabalhar o talento e por fim surgir a oportunidade, que ganhava novos horizontes em 1980 na cidade de Picos para os novos cantadores.

Cantadores como Zé da Luz efetivamente passaram mais tarde por essa experiência no rádio e ao descrevê-la, o cantor nos dá a oportunidade de acompanhar a trajetória da cultura da cantoria através dos seus meios de manutenção.

Na época quando eu comecei a cantar de verdade, eu saí da minha localidade São Rafael, hoje pertencente à Paquetá do Piauí, fui morar em Oeiras, onde fiquei por uns sete anos e meio, fazendo programa, incentivado por um colega daqui da região que já morava lá em Oeiras, fazia programa. Ele me convidou pra ir a passeio e cheguei a participar do programa dele e o povo gostando, já surgindo convites pra cantorias nos interiores, na cidade também e tudo, e aí fiquei. Passei a morar sete anos e meio em Oeiras cantando repente, aí retornei a Picos, que sempre foi o polo da cantoria aqui do nosso estado do Piauí, Picos. Na realidade, que hoje onde moro já há muitos anos fazendo programa aqui em Picos, radicado aqui em Picos³².

Como vimos o período de 1980 foi bastante frutífero para o repente e Picos se consolidou ainda mais como um centro canalizador de talentos, bem como de divulgação do repente. Agora se tinha um maior alcance já que o público, mesmo que um pouco disperso, era cada vez mais cativado pelo carisma dos cantadores e já familiarizados com a cantoria, produziam este contexto e estavam lançadas as bases para uma próspera difusão da cantoria, o que de fato ocorreu, como relatou Zé da Luz ao relembrar o ano de 1980 com os primeiros programas.

Foi a nascença do incentivo, foi quando surgiu a rádio Difusora de Picos que o Barrazul começou a fazer programa, os Irmãos Ricardo,

³² José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

são três irmãos cantadores. E ficaram por muito tempo no auge, fazendo sucesso e depois houve uma pequena parada, até mais ou menos noventa e cinco por aí. A década de oitenta foi de auge até noventa e cinco por aí. Aí depois houve uma queda, na realidade ficou um período, que não sei dizer direito de quanto tempo, sem programa de viola nas rádios de Picos. Depois voltou tudo de novo, inclusive com Barrazul, eu cheguei a participar, depois já de muito tempo que ele fazia programa aqui na Difusora, cheguei a participar por uns cinco anos do programa dele, depois eu passei a fazer meu horário para mim mesmo e dali pra cá a gente vem segurando a peteca e tá dando certo, graças a Deus. E acredito eu, que eles fizeram na época muito sucesso e houve uma pausazinha no sucesso da cantoria aqui, nem só eles, mas como de muitos, chegou a morar aqui em Picos, acredito uma média de uns trinta e dois cantadores por aí, nesse período de oitenta a noventa e cinco, ou pode até ter sido um tempo maior, não me lembro bem, mas daí pra cá, já tem de volta esse sucesso da cantoria novamente na região de Picos de seis a sete anos, novamente a volta dos programas às rádios. E a gente pegou firme e graças a Deus, tá bom, tá no auge a cantoria³³.

Esse período de auge destacado, de cerca de 15 anos, ou seja, de 1980 a 1995, também foi descrito por Barrazul ao destacar em seu livro que “A rádio Difusora de Picos foi única por um bom período de tempo em toda essa região e eu fiz parte do seu grande sucesso. Nos primeiros 15 anos de rádio promovi 8 grandes festivais, de violeiros da grande região de Picos”³⁴.

Considerado como tempo de oportunidades, elas certamente foram aproveitadas, respeitando as tradições e o convívio com o público, agora também ouvintes. O rádio veio para contribuir para elevar as relações do sistema de cantoria, mantendo as tradicionais relações do público com o cantador.

Após se abordar a relação entre cantador, rádio e ouvinte, veremos a seguir pela ótica do entrevistado Zé da luz, como se mantêm essas relações.

Muitas vezes, a gente tá numa cantoria e o ouvinte faz um pedido que não tá no alcance da gente naquele exato momento. Digamos o

³³ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

³⁴ SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s.n.], 2011. p. 23.

ouvinte chega: cante uma canção, e de repente da um branco, acontece isso, ou a gente tem muito tempo que não canta mais aquela canção que ele pediu, a gente lembra que tem uma copia e então vai lembrar, e a gente se compromete: - Ó vou contar no programa pra você, e ele fica na expectativa. Rádio... A divulgação é a mola fundamental, profissional, quando o que a gente diz aqui ao ouvinte da cantoria... O que eu falei há pouco tempo no meu programa, aonde a rádio vai e o ouvinte escuta os sons da cantoria, eles dão noticia de tudo que você diz: ó você falou meu nome, falou assim, isso aquilo. Interessante, é um povo concentrado, concentrado na cantoria, tudo que a gente diz no programa eles escutam e a gente tenta retribuir esse povo que apoia a gente, é fazendo também esses favores. Digamos o cidadão que promove a gente, ele tem um local de festa, ele promove agente, o cantador numa cantoria ele vai fazer uma outra festa, um evento qualquer, outro tipo de diversão, ele procura a gente, a gente divulga a festa dele, a gente anuncia uma festa, anuncia um aviso de morte da família que promove a gente. Presta um serviço em troco do que o ouvinte faz pela gente também, esse povo que promove a gente, a gente tenta contribuir de boa forma na maneira do possível que a gente pode ajudar³⁵.



Fotografia 05 - O cantador Zé da Luz apresentando o programa Violas de Ouro na Rádio Difusora.

Fonte: Arquivo Pessoal

³⁵ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

Certamente essas relações foram herdadas do período áureo do repente na região de Picos, sob as influencias de cantadores como Barrazul e os Irmãos Ricardo. O público reconhecido como um público fiel, ainda mantém vivo o gosto pela cantoria e assim como os cantadores, surgem e se renovam em meio à tradição. Seu público também recebe estímulos, ou mesmo produz esse estímulo, pois como vimos são os promoventes que mantem o cantador ativo.

Em Picos esse público recebe toda a atenção e retribui de modo consistente o retorno cultural, e de certo modo é mantenedor, pois a cultura como algo cultivado cresce e produz cada vez mais sob a vivência ativa de seu povo.

Por esse motivo essas pessoas podem apreciar o carinho e respeito dessa relação, onde a cultura aflora constantemente por meio do seu povo, seja na cidade com os festivais a um nível profissional, ou nas cantorias nas residências, aqui descrita por Zé da Luz , junto ao trato com seu público.

O público da cantoria é um publico pequeno, não é um publico do tamanho do público do forró, de outro estilo musical, mas é um público passado na peneira fina que promove cantoria, porque ama cantoria, porque é um verdadeiro amigo do repentista. Muitas vezes, sem partir pro lado do interesse, ele promove o cantador sem o mínimo interesse pra ele. Ele nos convida pra cantar, recebe muito bem, com janta, com todo carinho, faz um churrasco grande, convida os amigos, sem interesse ao lado dele. [...] O cidadão convida a gente pra cantar lá no interior, ele leva a cerveja dele, a bebida, o refrigerante e vende, [...] Isso depende da organização, porque cada um é cada um, geralmente a cantoria parte muito do organizador e da aceitação dos cantadores diante ao publico e do organizador, se o organizador é um cidadão de bem, não quero dizer que nenhum não seja, porque geralmente é o que falei, o povo da cantoria é um povo passado na peneira fina, um povo carinhoso, um povo educado com a gente, que faz porque gosta, porque gosta. Além de promover, ele vai às cantorias da gente só no interesse de ouvir a gente, contribuir com o cantador, muitos às vezes, por motivo de doença, nem vai, mas manda a contribuição da cantoria, por respeito ao organizador que convidou ele e o cantador que convidou também que é amigo dele. Tem acontecido muito isso, é interessante³⁶.

³⁶ José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

Essa relação abordada, nos ajuda a perceber o quanto o repente foi e ainda é importante para a região de Picos, enquanto manifestação cultural da nossa cidade, pois demonstra que essa cultura não está marginalizada, necessitando de continuidade, seja no espaço urbano e pela comunicação de massa, ou ainda pela interação daqueles que a produzem constantemente e se adaptam o possível, para não esquecer as tradições que certamente trazem consigo os meios para sua capacidade de socializar no campo, de modo simples e extremamente carregado de significados.

Por todos esses motivos, o repente é bastante estudado na área de comunicação, devido a sua facilidade de transmissão ao grande público, pelo fato de ser uma manifestação cultural, resgatando identidade de ideias e princípios que facilitam a compreensão da mensagem, como identificam Betânia Maciel e Lurdinalva Monteiro em seu estudo sobre cultura popular.

A ligação do repente com os meios de comunicação é observada também por Francisco Damasceno³⁷ o qual, observa a manifestação da cantoria em contextos sociais e históricos diversos, quando o repentista passa a se reinventar constantemente, pois estes viram a necessidade de se adaptar às mudanças ocorridas nas últimas décadas, como também observam Maciel e Monteiro³⁸.

Isso pode ser percebido na entrevista realizada com o repentista Francisco Reis Barrazul Santos, Cantador com maior período de atividade no rádio picoense, possibilitando assim, uma melhor análise dos processos já mencionados de modo mais contundente e específico, pela visão do cantador, conforme argumentou.

Eu comecei a cinquenta anos, daí pra cá, naturalmente como tudo

³⁷ DAMASCENO, Francisco José Gomes, et al. *Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores*. Disponível em: http://www.ce.anpuh.org/download/anais_2010_pdf/st11/Algumas%20considera%2B%BA%2B%FAoes%20-%20vers%2B%FAop%20completa%20FJGDamasceno.pdf> Acesso em: mar. 2013.

³⁸ MACIEL, Betânia; MONTEIRO, Lurdinalva. *Cultura popular e mudança social: a cantoria e o repente, um caminho ao desenvolvimento local*. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/4/49/GTI_04_BetaniaLurdinalva.pdf> Acesso em: 18 fev.2013.

muda, o repente também evoluiu, por parte de alguns repentistas evoluíram juntamente com a evolução do próprio tempo, não esquecendo que tem aqueles conservadores que gostam de ser alguma coisa desde o início, não querem modificar digamos a viola, todas estão no mesmo estilo, mas a cantoria em si, o repente, a cantoria propriamente dita ela evoluiu de acordo com a evolução do próprio tempo³⁹.

Percebemos com isso, o entendimento do repentista quanto à necessidade de adaptação de sua cantoria aos novos tempos. Desse modo o cantador se insere, nos mais variados contextos, adaptando seus modos às necessidades que vão surgindo à sua frente. Essa adaptação pode ser bem identificada no momento da inserção da cantoria nos centros urbanos.

Com essa entrada do repente no meio urbano, logo se deu a entrada dos repentistas nos meios de comunicação, sobretudo o rádio, como vimos é o caso da cidade de Picos, tendo iniciado na rádio Difusora de Picos em 18 de janeiro de 1980, o programa Tarde Sertaneja, apresentado pelo repentista Barrazul, que se encontra no ar até hoje, já somando trinta e quatro anos de existência.

Para Damasceno⁴⁰ esses cantadores desenvolveram uma relação de apropriação com os meios de comunicação, mantendo as características da sua arte. Embora esse processo tenha representado uma inovação na cantoria, seguida pela profissionalização dos cantadores. Essa evolução pode melhor ser entendida no universo do próprio cantador ao avaliar suas necessidades.

Porque o homem é produto do meio, e onde ele esta, como foi dito

³⁹ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

⁴⁰ DAMASCENO, Francisco José Gomes, et al. *Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores*. Disponível em: http://www.ce.anpuh.org/download/anais_2010_pdf/st11/Algumas%20considera%2B%BA%2B%FAoe s%20-%20vers%2B%FAop%20completa%20FJGDamasceno.pdf> Acesso em: mar. 2013.

no início, tudo *tava* bem, aí depois descobriu que não estava tudo bem e procuramos melhorar, os cantadores procuraram além de estudar, se organizaram em associações em sindicatos e etc. Então isso traz uma maior credibilidade aos repentistas que criaram responsabilidade, eles hoje entendem que o homem não precisa ser apenas um bom profissional, tem que ser também um bom cidadão e para isso ele tem que ter mais cuidado e é isso que tem acontecido, felizmente a cantoria tem evoluído e bastante⁴¹.

Essa visão nos leva a entender melhor as necessidades surgidas dentro da produção da cantoria, levando os repentistas a pensar os novos rumos de sua arte. Assim os cantadores mostram-se bastante ecléticos, podendo desenvolver várias temáticas, apesar de pouco ou nenhum estudo, e isso é destacado em muitos trabalhos, como o de Damasceno. Precisamos atentar, porém, para o fato do contexto que vem sendo abordado, ou seja, a entrada do repentista no mundo urbano e suas novas necessidades. E essa característica bastante multifacetada, do cantador, de certa forma lhe dará o impulso necessário a essas adaptações que ocorrerão ao longo dessa busca de aprimoramento.

O repentista Barrazul trata bem dessa questão ao afirmar que,

O repentista estudou, antes não precisava estudar, o cantador começava a cantar, quando o pai e a mãe dizia que *tava* bom ele acreditava e já *tava* satisfeito, não procurava melhorar em nada, mas isso hoje não existe mais, o público tá muito esclarecido, houve essa globalização e o repentista hoje, já tem alguns que se formaram, em cursos superiores⁴².

Observamos, portanto, que não é apenas a evolução do local no qual está

⁴¹ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

⁴² Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

inserido o repentista, mas também a evolução do seu público, pois é esse que movimenta o repente, que é cantado para agradá-lo. Se a modernização da cantoria, observada em suas letras é reflexo dos temas atuais, essa também é fruto do empenho do próprio repentista em acompanhar essa atualidade, apesar da permanência de aspectos tradicionais, pois como vimos há aqueles apegados às tradições materiais e estéticas.

Isso também é observado por Edmilson Ferreira⁴³, que aponta a enorme quantidade de informação aliada à capacidade crítica cada vez maior do público, o que leva ao aperfeiçoamento técnico dos cantadores, para corresponderem às expectativas do público.

Como o repente é uma construção, o repentista depende muito de sua desenvoltura para levar adiante o seu trabalho. Portanto, a imagem do repentista como um analfabeto genial, como destacam Maciel e Monteiro é algo defasado, pois muito destes se consideram como profissionais respeitáveis. E como destaca Edmilson Ferreira, ao analisar a arte dos repentistas, o repentista evoluiu em uma série de aspectos, se urbanizaram e se politizaram, aprimorando sua formalização do conhecimento.

Mas apesar desse aprimoramento Ferreira nos lembra que os repentistas ainda carregam certos estereótipos. Apesar disso é importante que busquemos a posição do cantador e a avaliação da sua situação dentro desse contexto. Podemos ter uma dimensão ainda maior desse posicionamento a partir dessa afirmação do cantador Barrazul.

Eu sou um profissional, nunca fiz outra coisa, são cinquenta anos que eu vou completar em novembro desse ano, eu nunca tive outra atividade, nunca tive comércio, nunca fui empregado de ninguém, a não ser aqui na rádio que eu trabalho há trinta e três anos, mas aqui é pra divulgar esse trabalho, já me divulguei também em outros mei-

⁴³ FERREIRA, Edmilson. *A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas*. Recife: [s.n.], 2010.

os de comunicação, mas eu sou um profissional, continuo sendo⁴⁴.

O cantador é bem enfático quanto ao seu papel dentro do universo da cantoria, reconhecendo seu trabalho e ligando esta a função que os meios de comunicação exercem dentro dos seus propósitos. Para este, é um meio de divulgação. Nesse ponto passamos a focar a relação da cantoria com o rádio na cidade de Picos, tendo por base o programa pioneiro da Rádio Difusora.

A relação entre o repente e a mídia na cidade, como já foi abordado, começou em 1980, na Rádio difusora de Picos, com o repentista Barrazul e os Irmãos Ricardo. Observando os primeiros anos do programa, percebemos em relação aos dias atuais todo esse processo de adaptação que foi abordado, assim como, a relação com o rádio como parte desse processo.

Na fala seguinte do cantador Barrazul, podemos observar melhor as estratégias assumidas como forma de manutenção, porém com destaque para quem de fato tem o merecimento, o cantador.

A mídia não paga ninguém, a mídia quer ganhar dinheiro, o repentista..., a primeira coisa que ele tem que ser é talentoso, e também aproveitar oportunidades de estar na mídia, por que a mídia é quem leva o que é feito pelo profissional, que seja melhor ou menos melhor, a mídia não ensina ninguém, nem tira de ninguém, ela divulga o que você produz, então o rendimento vem do público que apoia esse trabalho do artista⁴⁵.

Voltando à análise de Thompson⁴⁶ sobre cultura, este fala que as oportunidades são aproveitadas à medida que surgem. E é o que parece ser o caso

⁴⁴ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

⁴⁵ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

⁴⁶ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

do repente e o rádio em Picos. E com essa apropriação devidamente objetivada, a cantoria de viola sobrevive na cidade através de seus atrativos ao público, com a ajuda da penetração ainda proporcionada pelo rádio.

Segundo Elba Braga Ramalho⁴⁷, este público é garantido devido ao fato de suas raízes sertanejas em comum, independente de sua classe social, além do que o nordestino não se limita apenas a sua região de origem e estando espalhado por todo o Brasil, sempre poderá constituir o público de um violeiro, assim também como seu maior crítico.

Analisemos esse trecho da entrevista com o cantador Barrazul.

Os cantadores só cantavam no início em fazendas, nas moradias dos interiores, os cantadores eram leigos, totalmente leigos, cantavam pra leigos também, e essa fatia começou a perder quantidade foi diminuindo, esses cantadores, foram envelhecendo, pararam de cantar, outros morreram, os seus adeptos também se tornaram poucos e longe um dos outros, idoso anda pouco, porque não tem mais força pra tal, então foram surgindo os jovens que estudaram e acharam necessidade de divulgar os seus trabalhos nas universidades, nas emissoras de rádio, nos meios da cidade em si, então o que aconteceu? Atraiu um novo público e houve uma pequena..., eu diria uma separação, uma divisão, continua aqueles conservadores com o seu público, mais a maioria hoje esta na cidade trabalhando mais com eventos, que são festivais, congressos⁴⁸.

Isso nos leva a refletir sobre a forma como o repente foi se renovando na região de Picos, pois à medida que uma geração de leigos, como foi colocado, deu lugar a uma nova geração que já teve contato com os estudos, tanto o público, como os cantadores, deram seguimento à tradição local. Portanto, esse novo público se encontra nas cidades junto com os repentistas que buscaram os meios disponíveis para alcançar a maior parte desse público.

⁴⁷ RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

⁴⁸ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

Esse meio foi o rádio, uma vez que proporcionou de imediato uma grande mudança com a popularização da cantoria pelo maior alcance proporcionado aos ouvintes espalhados pela região. Quanto a isso observemos o relato do cantador Barrazul, muito relacionado ao que descreveu em seu livro, porém, de um modo mais voltado à zona rural, pois como vimos sua popularidade na cidade de Picos nesse período era enorme.

[...] Teve uma época quando eu comecei a fazer programa aqui, que você não precisava pra ouvir o meu programa..., não era necessário você ligar um rádio e ficar na frente do rádio, você passava num povoado, geralmente nos povoados tem casa dum lado e outro da estrada, você passava num povoadozinho de bicicleta e você não perdia uma palavra, porque essa casa aqui tinha um rádio ligado, na outra casa tinha outro, na outra tinha outro e na outra tinha outro, você começava a ouvir aqui e terminava no rádio na casa vizinha e chegava no final sem ter perdido o programa, sem ter que parar⁴⁹.

As lembranças do cantador trazem toda a popularidade que o rádio tinha na época, gerando uma situação que dá toda a proporção da importância da comunicação levada a seus ouvintes, assim como o gosto do público pelo que lhes era transmitido. Isso leva o artista a reconhecer a importância desse veículo de comunicação para sua carreira, ao afirmar que quando começou na rádio em 1980 o seu público multiplicou muitas vezes, pois era “a época do rádio”. Assim reforça sua ideia: “O rádio pra mim tem sessenta por cento, eu entrei com quarenta por cento e encontrei os outros sessenta por cento aqui na rádio pra completar os cem”⁵⁰.

Além da reconhecida contribuição do rádio, outro ponto importante percebido na entrevista foi a postura do repentista profissional, que deve passar respeito, pois como vimos, o cantador recebe vários estereótipos. Nesse mesmo pensamento o cantador Barrazul tocou nessa questão ao falar que o repentista se faz,

⁴⁹ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

⁵⁰ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

Com talento, com fidelidade, sinceridade e é aquela mesma coisa, não tem que ser tão bom profissional, tem que ser também um bom cidadão para adquirir a credibilidade, porque sem credibilidade ninguém vai pra lugar nenhum⁵¹.



Fotografia 06 - O repentista Barrazul, no comando do programa Tarde Sertaneja na Difusora de Picos, desde 1980.

Fonte: Arquivo Pessoal

Vimos, portanto, as várias implicações que permeiam essa manifestação cultural, que nos rodeia, seus desafios, suas contribuições e a figura particular do repentista que mesmo deslocada de sua inspiração máxima, o sertão, continua a encantar um público fiel e mantenedor dessa arte que se apegou ao moderno, evoluiu junto com seu tempo, mantendo suas características.

⁵¹ Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

Desse modo o repentista canta no seu repente, cheio de significados, sua terra natal, o sertão:

“Sou poeta de nome conhecido
 Militante vigia dos diversos
 Defeitinhas que há em tantos versos
 Que o povo de mim já tem ouvido
 Orgulhoso eu sou por ter nascido
 A três léguas de Picos ao oeste
 Clima quente distante do agreste
 Entre os morros da data Boqueirão
 No recanto mais pobre do sertão
 Nos carrascos mais secos do Nordeste”⁵².

O sertão nas canções dos repentistas é tema central e sua poesia o mapeia como uma imensidão sem fim. Mas de quais sertões cantam os repentes? Será o da seca? Da fartura? Da triste partida? Ou mesmo do retorno a terra natal? Do homem forte registrado pela literatura? Da mulher de cintura de pilão? Da cachorra baleia? Das saudades? Ou do vaqueiro? Enfim, o sertão, de fato, é complexo. No entanto, os repentistas, observamos, cantam o que veem e traduzem uma realidade vivida pelos sertanejos que fincaram suas vidas nestes sertões e ainda hoje, corroborando com o imortal Luiz Gonzaga, resistido a triste partida.

E o que é sertão? Eu ainda sigo querendo desvendá-lo...

⁵² SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s.n.], 2011. p. 20.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que nos propomos estudar a respeito dos repentistas na cidade de Picos-Piauí, podemos perceber que os temas cantados por estes sempre refletem diretamente o cotidiano dos populares. E é importante notar que alguns temas são recorrentes, por exemplo, as questões naturais com o sertão, as secas, os sertanejos, os vaqueiros, enfim, a luta diária de quem vive ou migra do sertão.

Pudemos perceber também que os cancioneiros daqui, em parte, não diferem muito de outras localidades interioranas do Nordeste e do Brasil, onde o uso da viola e dos temas já citados sempre recorrem as suas pautas. Talvez muitos desses conceitos podemos até ressignificá-los, digo, situar no presente, mas para isso preciso ampliar nossa lupa de pesquisador para entender outros contextos e falas.

Para tanto, foi através de depoimentos e leituras diversas que procuramos entender o sertão e o cotidiano que cerca essa região. E logo percebemos a complexidade que é tanto o conceito de sertão, quanto a relação entre entrevistador e entrevistado.

E nesse sentido o embasamento teórico e metodológico para a pesquisa se completou com informações de depoimentos orais, método, pelo qual foi possível saber e compreender de forma mais detalhada como viviam e passaram a agir esses homens diante da criação da sua forma de cantar e marcar suas vidas e as dos sertanejos. A história oral, nesse aspecto tem sido um grande aliado do historiador, dando-lhe condições para fazer relatos mais próximos da realidade dessa gente. Sobre isso Alessandro Portelli nos diz que:

A utilização da história oral, além do fato de poder registrar narrativas as quais de outra forma não teríamos acesso justifica-se também pelo que ela tem de mais precioso e singular, a subjetividade, o que a torna diferente, pois conta menos sobre eventos que sobre significados⁵³.

⁵³ PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho*. Reflexão sobre a ética na História Oral. In.: *Projeto História*. São Paulo. Programa de estudos, Pós- Graduados em História e departamento da história. Abril.1997.

Enveredando então pelas dinâmicas apontadas por Alessandro Portelli, tive a oportunidade de ouvir vários discursos, onde respeitando as suas limitações a sua cultura pudemos com cada depoente acrescentar e enriquecer a nossa pesquisa, a medida em que cada um apresenta algo novo.

Diante então das fontes selecionadas, pude então cruzar informações, dialogar com a complexidade das narrativas e depoimento oral em si, onde esse diálogo nos proporcionou a notar as especificidades que cada uma podem apresentar diante do fato problematizado ou das ações ocorridas dentro da instituição.

Com isso a história do cotidiano não pode ser analisada de forma separada, de acontecimentos maiores, contudo, não devemos excluir “os pequenos acontecimentos”, pois através deles podemos conseguir chegar à compreensão de outros acontecimentos que se apresentam necessário ao historiador.

A busca por fontes, revisão de leitura, diálogo com autores foi, de fato, uma rotina cansativa, mais válida quando se pretende estudar o cotidiano e as experiências, de sujeitos que na labuta diária forjam seu cotidiano e fazem a cidade “funcionar” segundo suas culturas, interferindo na política e na tessitura social e nas relações entre homens e mulheres, que agora são apresentados a história, graças as nossas escolhas teóricas e metodológicas, eis aqui a história vista de baixo e das arraias menores, mas não menos importantes.

Busquei com esforço e zelo por minhas escolhas teóricas e metodológicas, e por meus sujeitos pesquisados, fazer o melhor, dentro daquilo que me foi possível produzir entre o 7º e 9º período do Curso de História, da Universidade Federal do Piauí. Contudo, este trabalho não está finalizado e é possível de leitura para quem se interessar pela temática e assim deseja-la ampliar, mas também para aqueles que querem conhecer um pouquinho dos repentistas de Picos.

FONTES

Antônio Cirilo de Sousa. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

Antônio Ricardo Gonçalves. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

Francisco Reis Barrazul Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em abril de 2013, na cidade de Picos - PI.

José da Luz de Moura Santos. Repentista. Entrevista cedida a Valdécio Sá Rocha em julho de 2014, na cidade de Picos - PI.

REFERÊNCIAS

DAMASCENO, Francisco José Gomes, et al. *Algumas canções: música, tradição e incorporação do/ao universo urbano contemporâneo de cantadores*. Disponível em: http://www.ce.anpuh.org/download/anais_2010_pdf/st11/Algumas%20considera%2B%BA%2B%FAoes%20-%20vers%2B%FAop%20completa%20FJGDamasceno.pdf> Acesso em: mar. 2013.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

FENELLON, Dea Ribeiro. Cultura e História Social. Historiografia e Pesquisa. In.: *Projeto História*. São Paulo. 1993.

FENELON, Dea Ribeiro. O historiador e a Cultura Popular: História de Classe ou História do Povo? In.: *História e Perspectiva*. Uberlândia 6-5, 1923. jan/ jun 1999.

FENELON, Déa Ribeiro e outros (Orgs.) *Muitas memórias outras histórias*. São Paulo: Olho d' Água, 2004.

FERREIRA, Edmilson. *A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas*. Recife: [s.n.], 2010.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*: São Paulo, Companhia das letras, 2006.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. Págs. 9-23.

MACIEL, Betânia; MONTEIRO, Lurdinalva. *Cultura popular e mudança social: a cantoria e o repente, um caminho ao desenvolvimento local*. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/4/49/GTI_04_BetaniaLurdinalva.pdf> Acesso em: 18 fev.2013.

NASCIMENTO, Francisco Alcides. História e cultura: o rádio como instrumento de formação cultural. In: SANTANA, R.N. Monteiro. (org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos. Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Reflexão sobre a ética na História Oral. In.: *Projeto História*. São Paulo. Programa de estudos, Pós-Graduados em História e departamento da história. Abril.1997

RAMALHO, Elba Braga. *Cantoria nordestina: música e palavra*. São Paulo: Terceira Margem, 2000.

SAMUEL, Raphael. História local e história oral. In.: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.9 n.º. 11 1989. p. 230

SANTOS, José Luiz dos. *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos).

SANTOS, Francisco Reis Barrazul. *Lorota de cantador*. Picos: [s.n.], 2011.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. (et all). *A pesquisa em história*. São Paulo: Ática, 1998.